

AFORIZAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA: TEORIA & PRÁTICA

Roberto Leiser Baronas¹

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

“Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: são como carraças: vêm nos livros, nos jornais, nos slogans publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes [...]. E há os discursos, que são palavras encostadas umas às outras, em equilíbrio instável graças a uma precária sintaxe, até ao prego final do Disse ou Tenho dito. Com discursos se comemora, se inaugura, se abrem e fecham sessões, se lançam cortinas de fumo ou dispõem bambinelas de veludo...” [grifos meus]
José Saramago em *As palavras deste mundo e de outro*

Resumo: Neste texto, busco discutir a pertinência de se trabalhar com a teoria das “frases sem texto” ou a enunciação aforizante, proposta por Dominique Maingueneau (2010; 2011 e 2012), enquanto referencial teórico-prático que pode sustentar o ensino-aprendizagem de português na escola fundamental e média brasileira. Penso que tomar os pequenos enunciados que circulam nas mais diferentes plataformas discursivas, a partir da teoria das “frases sem texto”, enquanto objeto de ensino, evitaria o problema da estabilização *a priori* e o pouco contato com a realidade comunicativa dos gêneros do discurso. Quando se mobiliza a teoria das “frases sem texto” é possível perceber que alguns enunciados, por conta de suas características linguísticas e discursivas, ganham tamanho grau de autonomia, que prescindem de qualquer gênero para circular.

Palavras-chave: Aforização; ensino de língua e discurso.

Aforization and language teaching: theory and practice

Abstract: In this paper, I attempt to discuss the relevance of working with the theory of "phrases without text" or aforized enunciation proposed by Dominique Maingueneau (2010; 2011 and 2012) as theoretical-practical reference that can support teaching and learning of Portuguese in elementary brazilian school. I think taking the little statements that circulate in the most different discursive platforms, from the theory of "phrases without text" as teaching object would avoid the problem of stabilizing a priori and avoid also the little contact with the communicative reality of the discourse genres. Using the theory of "phrases without text" you can see that some statements, because of their own linguistic and discursive features, earn this degree of autonomy, which dispenses with any genre to circulate.

Keywords: Aforization; language teaching and discourse.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Professor no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e pesquisador do CNPq. E mail baronas@ufscar.br

Primeiras palavras...

Embora a grande mídia brasileira insista em dizer o contrário, não há como negar que o trabalho com produção de textos na escola tem contribuído bastante para a formação de leitores mais proficientes e também de produtores de texto mais competentes, sobretudo, a partir da implementação do trabalho com os gêneros do discurso em meados dos anos noventa. O gênero é uma ferramenta pedagógica importantíssima no ensino de língua, pois relaciona as palavras aos lugares ideológicos que elas tornam possíveis e que as tornam possíveis. Ou seja, mostra que a língua é um produto da história. O problema é que o gênero sozinho além de não ser suficiente para dar acesso ao sentido da atividade enunciativa, visto que ele deveria ser pensado no interior de uma cena de enunciação² mais ampla, também não dá conta de explicar, por exemplo, a circulação de pequenos enunciados em diferentes plataformas discursivas.

Neste texto, busco discutir a pertinência de se trabalhar com a teoria das “frases sem texto” ou a enunciação aforizante, proposta por Maingueneau (2010; 2011 e 2012), enquanto referencial teórico-prático que pode sustentar o ensino-aprendizagem de português na escola fundamental e média brasileira. Penso que tomar os pequenos enunciados que circulam nas mais diferentes plataformas discursivas, a partir da teoria das “frases sem texto”, enquanto objeto de ensino, evitaria o problema da estabilização *a priori* e o pouco

² Com base em Maingueneau (1998), defendemos a necessidade de aliar o gênero à cena da enunciação, evitando noções, como a de “situação de enunciação”, que é de ordem estritamente linguística, ou a de “situação de comunicação”, que pode ser utilizada numa abordagem puramente sociológica, em que a atividade discursiva é descrita, de algum modo, do exterior. Além disso, segundo Maingueneau, o termo “cena” tem a vantagem de poder se referir, ao mesmo tempo, a um *quadro* (“a cena representa...”) e a um *processo* (“ao longo da cena”, “uma cena circense”, como fez Tiririca em sua campanha para deputado federal pelo estado de São Paulo nas eleições de 2010...). Enfim, ela permite realçar a importância do trabalho a que se dedica permanentemente os participantes de um gênero de discurso: o de *colocarem-se em cena*. A análise da cena da enunciação, proposta por Maingueneau, distingue três componentes: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*.

contato com a realidade comunicativa dos gêneros do discurso. Quando se mobiliza a teoria das “frases sem texto” é possível perceber que alguns enunciados, por conta de suas características linguísticas e discursivas, ganham tamanho grau de autonomia, que prescindem de qualquer gênero para circular.

No intuito de exemplificar a fecundidade da teoria das “frases sem texto” na análise de um *corpus* discursivo específico, inicialmente recorreremos à polêmica envolvendo o livro didático de língua portuguesa *Por uma vida melhor*³. Aqui, vamos partir do trabalho de destaque e aforização realizado pelo Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, conforme figuras 1 e 2 abaixo. Fizemos tal opção pelo fato de o destaque e a aforização realizados pelo jornalismo dessa emissora funcionar como o pivô da polêmica, além de se constituir numa espécie de representação metonímica do que circulou na grande mídia brasileira sobre esse acontecimento discursivo.

³ A polêmica começou no dia 17 de maio de 2011, quando, no programa matinal Bom Dia Brasil da Rede Globo, o jornalista Alexandre Garcia noticiou, assumindo um tom condenatório, que o MEC estava financiando livros didáticos que fomentavam o uso do português errado. De modo previsível, o jornalista recorreu à tópica do “antigamente” para ancorar sua argumentação, afirmando que, quando estava no primeiro ano do grupo escolar e falava errado, a professora o corrigia, preparando-o “para vencer na vida”, pois tinha como óbvio que “A educação liberta e torna a vida melhor, nos livra da ignorância, que é a condenação à vida difícil. Quem for nivelado por baixo terá a vida nivelada por baixo”. Disse, ainda, que, no Brasil, passa-se a mão nos erros por medo de constranger o outro e faz-se o mesmo com a língua, “aprova-se a palavra errada para não constranger” o aluno. Instalava-se aí um acontecimento discursivo que iria, apesar de sua curta trajetória na mídia, render uma farta safra de matérias assinadas por jornalistas ou por pessoas notáveis da esfera pública brasileira. Desde o início, a polêmica se instaurou a partir de um conjunto de enunciados destacados do capítulo do livro, modificados segundo a ideologia do português único das Organizações Globo e postos em circulação numa espécie de livro virtual (conforme imagem acima).

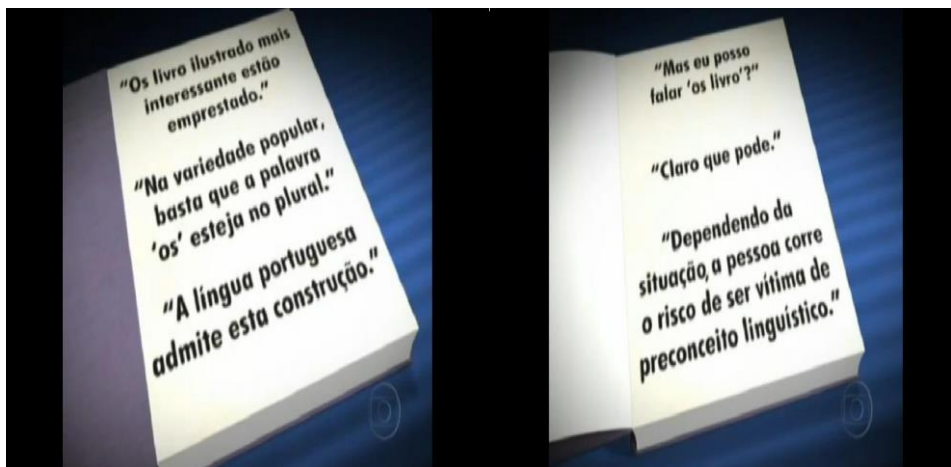


Figura 01

Figura 02

Se compararmos os enunciados do livro virtual, destacados e aforizados de seu contexto e cotexto (figura 1), com os enunciados sublinhados no excerto extraído do texto fonte, observaremos as seguintes alterações⁴:

- 1: Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.(destacado);
Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.(livro fonte);
- 2: Na variedade popular, basta que a palavra 'os' esteja no plural (destacado)
Na variedade popular, basta que ESSE PRIMEIRO TERMO esteja no plural *para indicar mais de um referente*. (livro fonte);
- 3: A língua portuguesa admite essa construção (enunciado criado);
- 4: Mas eu posso falar "os livro?"(destacado);
Mas eu posso falar "os livro?"(livro fonte);
- 5: Claro que pode. (destacado);
Claro que pode. (livro fonte);
- 6: Dependendo da situação, a pessoa corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico (destacado);
Mas fique atento porque, dependendo da situação, VOCÊ corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico. (livro fonte)

⁴ O trecho em CAIXA ALTA foi substituído no enunciado destacado e aquele em *itálico*, suprimido.

O enunciado 1 destacado é formalmente idêntico ao enunciado do texto fonte, porém, apartado do cotexto, ele deixa de ser o exemplo de uma comparação entre a norma culta e a norma popular quanto ao funcionamento da concordância nominal. O enunciado 2 destacado não coincide com aquele do texto fonte, pois além de substituir a locução anafórica “esse primeiro termo” por “a palavra ‘os’”, corta a parte final do período (em itálico no texto fonte) que explica como falantes da norma popular expressam linguisticamente a noção de número (mais de um referente) na locução nominal, ou seja, eles o fazem flexionando apenas o artigo. O enunciado 3 foi inteiramente criado pela reportagem. Ele altera radicalmente a posicionamento discursivo dos enunciadore-autores, uma vez que absolutiza, como própria da *língua portuguesa*, uma forma gramatical apresentada como relativa tão somente à norma popular. Não sem razão, o enunciado 3, inexistente no texto fonte, foi o principal motivador da ira de fieis e seguidores do DU. Os enunciados 4 e 5 destacados, correspondentes ao diálogo imaginário travado entre professor e aluno, são formalmente iguais aos do texto fonte. Finalmente, no enunciado 6 destacado, a oração adversativa que inicia o período (em itálico no texto fonte) é suprimida e o pronome pessoal “você” é substituído por “a pessoa”, anulando a dêixis mediante a qual o professor se dirige diretamente ao aluno suposto que fez a pergunta “Mas eu posso falar ‘os livro’?”. A substituição de “você” por “a pessoa” e a supressão da oração adversativa que introduz uma idéia contrária à que veio antes (Claro que pode), interpelando o aluno com quem dialoga a ficar atento, pois não é em qualquer situação que a forma ‘os livro’ é aceita, fazem parte do mesmo trajeto interpretativo, irrigado pelo DU, que busca responsabilizar os enunciadore-autores pela generalização insana do uso de um suposto “erro de português”, autorizando-o não mais num determinado contexto, mas em todos os contextos.

É tão somente a partir desse conjunto de enunciados destacados e aforizados que o livro didático passa a circular na mídia, fazendo proliferar matérias jornalísticas e entrevistas ao vivo com especialistas das Letras, além de incitar a doxa a se manifestar ruidosamente. Considerando que a fonte não é uma matéria divulgada pela grande mídia, conhecida e disponível ao público, mas um livro didático, poucos dos que se arvoram a opinar sobre o caso, engrossando o arquivo de enunciados sobre ele, têm o cuidado de buscar o texto original para conferir o que efetivamente ele diz. Apesar de o capítulo do livro ter sido disponibilizado para consulta pela *internet*, a maioria das matérias sobre ele se teceu com base apenas no livro virtual exibido pela Rede Globo. Trata-se, pois, de um caso exemplar de aforização forte em que os enunciados destacados ganham vida própria, esquecida a sua origem, contexto e cotexto.

Esse trajeto interpretativo demonstra que não estamos diante de um mero trabalho de citação, em que os enunciados destacados são colocados a circular em outros textos, demarcados por alguma sinalização de distanciamento, como: aspas, itálicos, introdução por um verbo *dicendi* seguido de “que”, que torna inconfundíveis os limites entre o Mesmo e o Outro. Há, sim, um trabalho de aforização que corrobora com o percurso deôntico interpretativo numa dada direção de sentido, qual seja, o de jogar as asseverações do posicionamento da grande mídia para a responsabilidade da autoria do livro e, por sua vez, para a responsabilidade do MEC que o abona a ponto de incluí-lo no PNLD. Ainda que isso possa ser dito também a respeito de outros tipos de citação, quando o ‘citador’ marca, de alguma maneira, seu distanciamento em relação àquilo que cita, no caso da aforização, vários apagamentos comprometem a compreensão “real” do acontecimento: o apagamento do cotexto e contexto em que os enunciados foram produzidos, a inexistência de prévia leitura do material pelos leitores do jornal, o silenciamento da voz de quem de fato participou da elaboração do material e a

não explicitação das fronteiras entre os elementos alterados e criados pelos jornalistas e os elementos do próprio livro. Por sua vez, o enunciador jornalista se constitui num aforizador que se sobrepõe tanto ao seu leitor quanto ao locutor-enunciador cuja fala recorta e aforiza. Afinal, é como um Sujeito pleno de direito que o aforizador pronuncia a Verdade sobre a língua – existe apenas um português correto – para um auditório universal, Verdade com a qual os jornalistas e as instituições que eles representam se alinham. Destarte, a aforização realiza um trabalho de direcionamento de sentidos, de constituição de subjetividades em que, sem que se dê conta, o leitor é levado a aderir à interpretação do enunciador jornalista e, por extensão, ao posicionamento discursivo do veículo midiático em nome de que fala-escreve e significa. Um aforizador é uma espécie de entidade suprema, ele afirma valores e princípios intemporais para além das circunstâncias imediatas e dos alocutários empíricos. Segundo Maingueneau (2010, p. 15), “A descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho interpretativo”. Assim, acompanhar, na arena midiática, a polêmica instaurada pelo conjunto de enunciados destacados e aforizados do livro *Por uma vida melhor* é acompanhar o trabalho de interpretação realizado por uma legião de seguidores que se compraz em reiterar a Verdade, essencial ao DU, e, conseqüentemente, em produzir simulacros do DM.

As frases sem texto em outras plataformas discursivas

O escritor Artur de Azevedo⁵, em sua peça “Amor por anexins” nos mostra de maneira bastante divertida no diálogo entre as personagens Isaías e Inês, em que a primeira personagem tenta conquistar a segunda de maneira a

⁵ Artur Gonçalves de Azevedo nasceu em 7 de julho de 1855, em São Luís - MA e faleceu em 22 de outubro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães. Foi jornalista e autor de peças tetrais importantíssimas para o teatro brasileiro. Dentre elas citamos: A pele do lobo; O Bilontra; A Almanjarra; O dote; O Badejo; Confidências; O Jagunço.

convencê-la para que se case com ele, que pequenas frases cristalizadas como os provérbios, as máximas, os slogans, diferentemente do que se afirma no senso comum, podem ser um importante instrumento na arte de persuadir.

Cena II – (Isaías)

Isaías (*Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo.*) – Porta aberta, o justo peca. (*Avançando na ponta dos pés.*) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um Deus nos acuda; mas muitas vezes donde não se espera daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora adeus! Quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; mas como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a. Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-teei as manhas que tens. (*Examinando a casa.*) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (*Reparando.*) Ai, que ela aí vem! (*Perfilando-se.*) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (*Atrapalhando-se.*) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira!

Outro brasileiro que soube com maestria mostrar como as pequenas frases ao veicularem verdades de cunho generalizante, objetivam convencer os outros da pertinência das proposições enunciadas, mesmo não avalizado pelo grande Millôr Fernandes, foi Fernando Apparício de Brinkerhoff Torelly, mais

conhecido como o Barão de Itararé⁶. Suas famosas máximas “Mais vale um galo no terreiro que dois na testa”; “Quem ama o feio é porque o bonito não aparece”; “De onde menos se espera. Daí é que não sai nada” entre outras fazem alusão a conhecidos provérbios que circulam desde os tempos imemoriais na nossa sociedade. Embora seja factível reconhecer os provérbios que estão na base de criação das máximas do Barão de Itararé, é possível perceber todo um trabalho autoral. Itararé ao transformar o provérbio original “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” em “Mais vale um galo no terreiro que dois na testa”, não está simplesmente modificando esse provérbio, desvirtuando as palavras que tomou do outro, substituindo do enunciado original, termos como “pássaro” por “galo”; “mão” por “terreiro” e “voando” por “testa”, mas, sobretudo, jogando, por exemplo, com a polissemia da palavra galo que pode ser uma ave galiforme, que por extensão de sentido pode ser associada a pássaro ou a um calombo causado por uma pancada na cabeça, criando dessa forma uma espécie de pseudoprovérbio, que além de caçoar do provérbio original, transformando-o numa *caricatura* verbal, está ancorando seu discurso numa cena de fala já validada e desse modo valorando positivamente o seu discurso. Defendo que essas máximas do Barão de Itararé podem se transformar num rico material para ser tratado didaticamente em sala de aula. Como propõe, por exemplo, Possenti (2011, p. 178) a partir do enunciado “*Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na privada*”.

Poder-se-ia pensar que se trata apenas de explorar os dois sentidos da palavra *privada* (“banheiro” e “particular”). Mas, embora esse aspecto não esteja excluído – aliás, ele é o fundamental, porque sugere que os políticos fazem “baixarias” –, o fundamental é a exploração de um fator sintático, a elipse da palavra *vida*. Ou seja,

⁶ Para conhecer mais a fundo sobre a vida e obra do Barão de Itararé leia “Entre sem bater: a vida de Apparício Torelly, o Barão de Itararé”, de Cláudio Figueiredo, publicado pela Casa da Palavra.

a frase deve ser lida assim: *Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na vida privada*. Sem isso, não há duplo sentido da palavra *privada*.

Além de explorar questões sintáticas a partir dos enunciados de Torelly, como propõe Possenti, poderíamos explorar como alguns enunciados se ancoram numa situação de enunciação e outros não. Desse modo, se na enunciação de um provérbio original como “Quem ama o feio bonito lhe parece” há uma implicação de corte entre o enunciado e sua situação de enunciação (ausência de EU-VOCÊ, nem uma referência ao momento e ao espaço da enunciação), na subversão desse provérbio em “Quem ama o feio é porque o bonito não aparece”, produzida por Itararé, considerando que esse enunciado é uma espécie de resposta ao provérbio original, tem-se um discurso com mecanismos linguísticos de atualização dêitica, isto é, um EU – Locutor - que responde para um VOCÊ – Alocutário [Universal] num determinado tempo e espaço. Tem-se ainda, sobretudo, a utilização de mecanismos de atualização modal, isto é, a presença de um enunciador que retoma o dizer do outro [no caso, o Sujeito Universal do provérbio original] para comentar [derrisoriamente] esse dizer.

Para comprovar a atualidade e a pertinência das criações de Azevedo e as de Itararé, basta nos lembrarmos de memória, por exemplo, como a publicidade explora a exatidão desse tipo de subversão dos provérbios.



Figura 03

O primeiro anúncio, publicidade do provedor de Internet Intervip, que explora a subversão proverbial, “Mais vale 1 na mão do que 10 voando”, foi veiculado nos mais diferentes meios em Vitória no Espírito Santo em 2009. Essa publicidade era destinada a um público genérico. No enunciado em questão, o emprego dos números “um” e “dez” em algarismos arábicos não é uma questão de economia de espaço, por exemplo. Trata-se de uma retomada interdiscursiva polêmica de uma propaganda de uma provedora de internet, concorrente da Intervip, que oferecia 10 megas aos seus assinantes.

O segundo anúncio, propaganda da cerveja Schin, explorando o enunciado “Para o bom bebedor, meia palavra basta. Peça Schin”, foi veiculado em diferentes meios em todo o território brasileiro em 2010 e era destinado basicamente ao público masculino. O enunciado publicitário em questão, além de subverter o provérbio original, substituindo “entendedor” por “bebedor”, recebe o acréscimo do “Peça Schin” como complemento do “meia palavra basta”. Ademais, o “Peça Schin” grafado em vermelho, além de retomar a cor de fundo do rótulo da cerveja, dialoga interdiscursivamente com o vermelho da paixão: a cor do sexo. A presença da fotografia de uma modelo com um olhar provocante e com as mãos abaixando levemente o biquíni, deixando aparecer

as marcas do bronzeado, num cenário paradisíaco ao fundo, surgindo por meio da ação de rasgar a propaganda, bem como o elemento “Tesão” em letras maiúsculas, cuja letra “a” é formada pelo próprio corpo da modelo, reforça a relação entre consumir cerveja e conquistar mulheres.

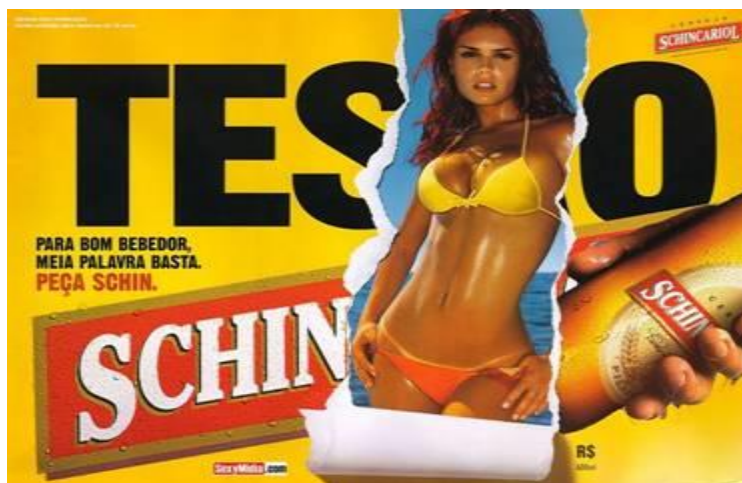


Figura 04

Diante de tamanha circulação, uma pergunta se torna inevitável: o que faz dessas pequenas frases uma espécie de pandemia discursiva?

É na companhia de Maingueneau (2010, 2008) que refletimos sobre essa prática corriqueira na comunicação midiática contemporânea - a prática de destacar enunciados e fazê-los circular (transformados ou não) em novas arenas discursivas. Maingueneau (2010, p. 9) afirma que “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos”. E os textos, por sua vez, remetem-se a gêneros de discurso, que funcionam como quadros de referência para toda a comunicação pensável numa dada formação sócio-histórica. Maingueneau mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como a participação de nascimento, o debate televisivo, a conversação, entre outros.

Todavia, a assunção de que o texto é a unidade básica de estudo não é imune a questionamentos quando o que se investiga são as práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que abundam enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase e que circulam fora do texto. Maingueneau (2010) chama essas pequenas frases de “enunciados destacados”, incluindo *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. O autor distingue duas classes de enunciados, segundo a natureza de seu “destacamento”: a) *o constitutivo*: trata-se do enunciado naturalmente independente de um contexto e cotexto (fórmulas sentenciosas, provérbios, *slogans*, divisas etc.) e b) *o destacado* por extração de um fragmento de texto, segundo a lógica de citação.

Essa extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois, frequentemente, o enunciador *sobreassevera* alguns de seus fragmentos e os apresenta como *destacáveis*. A sobreasseveração é uma modulação enunciativa que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma *destextualização*, ou seja, é

[...] uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (MAINGUENEAU, 2010, p. 11)

Num trabalho diligente de afinação dos conceitos, Maingueneau (2008, p. 92) distingue a sobreasseveração da aforização, uma vez que cada uma delas funciona segundo uma lógica enunciativa própria. Enquanto a sobreasseveração se dá no texto, pela acentuação de uma sequência contra um fundo textual, a aforização extrai os enunciados do texto e põe-nos a circular fora dele, em outras cenas de enunciação. Assim, a aforização ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de representar a voz do Outro, mas sim

de apresentar a Verdade ou a Lei, produzida alhures a partir do contato com uma Fonte Transcendente, como se elas mesmas se apresentassem.

Segundo Maingueneau, o enunciado fonte e o enunciado destacado divergem quanto a seu estatuto pragmático. Os enunciados destacados estão sujeitos a um regime de enunciação denominado “enunciação aforizante”. Entre uma “aforização” e um texto, as diferenças não são apenas de tamanho, de forma, de sistematicidade linguística, mas sim de ordem enunciativa. O esquema a seguir representa as duas ordens enunciativas propostas pelo autor:

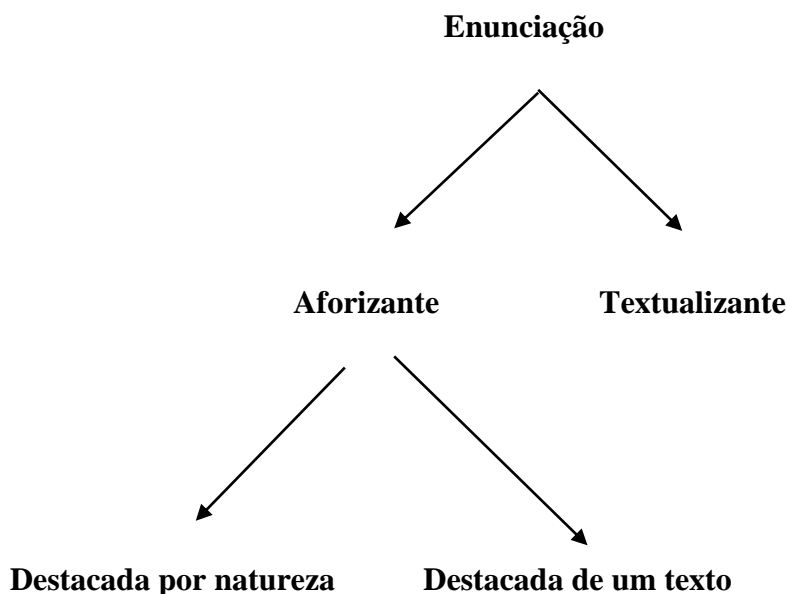


Figura 1: Esquema vetorial das ordens enunciativas (MAINGUENEAU, 2010, p.13)

Como podemos visualizar nesse esquema, Maingueneau (2010, p. 13-15) propõe duas ordens de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. A enunciação aforizante, por sua vez, se organiza em enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto. Elas se diferenciam da enunciação textualizante em vários aspectos. Enquanto a enunciação textualizante define posições correlativas de produção e recepção e papéis específicos para o enunciador e o

enunciatário negociados em conformidade com a cena genérica, a enunciação aforizante prescinde de posições correlativas, definindo uma cena onde o locutor, um Sujeito jurídico e moral, fala a uma espécie de auditório universal. Enquanto a enunciação textualizante envolve jogos de linguagem de diversas ordens como argumentar, narrar, perguntar, responder etc., a aforizante pretende apresentar o pensamento do locutor como a verdade soberana, para além dos jogos da linguagem. Enquanto a enunciação textualizante estratifica os planos enunciativos, a aforizante tende à homogeneização. Se por um lado a enunciação textualizante varia segundo os gêneros, suportes e modos de circulação, a aforizante, por outro, não é afetada por tais condicionantes. Enquanto a enunciação textualizante ultrapassa a dimensão propriamente verbal, a aforizante pretende ser pura fala. Se a enunciação textualizante desfavorece a memorização, a aforizante “implica a utopia de uma fala viva sempre disponível” e repetível. Por meio da aforização, o locutor busca se colocar além dos limites, condicionantes e restrições específicos de um determinado gênero do discurso:

O « aforizador » assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente. [...] Trata-se, fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito no sentido jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. (MAINGUENEAU, 2010, p.14-15).

Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador. E o aforizador, como Sujeito, “diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor” (MAINGUENEAU, 2010, p.14-15).

Para o teórico francês, a ideia central da problemática da aforização é a de que as “frases sem texto” prescindem de textos e de gêneros para circular

apesar de as primeiras completamente independentes dos segundos. No entendimento de Maingueneau, o essencial é que a enunciação aforizante tem um modo de funcionamento enunciativo próprio, que difere da ordem textualizante na qual estão inscritos os textos e os gêneros e que essas diferentes ordens estão em constante tensão, que pode ser mais ou menos forte. O essencial é, então, a tensão mais ou menos forte que se estabelece entre a aforização e o todo textual que a acolhe.

Da teoria para a prática: sugestão de atividades...

Em seus textos, o Barão de Itararé, enquanto um profundo conhecedor *avant la lettre* do funcionamento discursivo das pequenas frases, das enunciações aforizantes, produziu inúmeros provérbios alterados como os elencados no início deste artigo. Inicialmente, poderíamos tomar dois desses pseudoprovérbios de Itararé e discutir com os alunos que procedimentos linguísticos o autor utilizou para criar novas frases, isto é, que tipo de modificação linguística foi realizada para que o provérbio ganhasse nova configuração discursiva. Tal como propôs Possenti. Depois poderíamos pedir para os alunos levantarem uma lista de provérbios que circulam na nossa sociedade e propor uma atividade de subversão dessas pequenas frases, observando, por exemplo, como Itararé procedeu linguisticamente para propor alterações em seus provérbios. Ademais, poderíamos discutir com os alunos como a publicidade, sobretudo a de cerveja, explora disforicamente o corpo feminino.

Em seu discurso de posse, proferido em 01 de janeiro de 2003, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva disse no primeiro parágrafo: *“Companheiros e companheiras: Mudança; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que*

estava na hora de trilhar novos caminhos”. Depois de proferida, essa frase foi destacada pelos mais diversos meios de comunicação e passou a circular como “A esperança venceu o medo”. Num rápido exame para verificar a circulação desta frase na mídia, pode-se observar que ela ainda está muito presente, frequentando discursos tanto de natureza política quanto de outros campos do saber. Fenômeno que pode ser atestado, por exemplo, no título da manchete da reportagem publicada no site de esportes www.lancenet.com.br em 09/02/2009 como *A esperança venceu o medo: O time mais ofensivo foi premiado em Erechim*. O título dessa manchete fez referência à vitória do Internacional de Porto Alegre sobre o Grêmio pelo placar de 02 x 01 em Grenal disputado na cidade de Erechim – RS. Com base nas informações anteriores, poderíamos discutir com os alunos similaridades e diferenças entre as frases que Itararé criou e o enunciado “A esperança venceu o medo”, mostrando como a retirada e/ou substituição de elementos linguísticos interfere no sentido do enunciado. Depois, que elementos linguísticos foram mobilizados no recorte da frase de Lula e que conferem a essa frase uma espécie de estatuto de máxima de forma a ser utilizada nas mais diferentes circunstâncias discursivas. Por último, poder-se-ia discutir as implicações de sentido geradas a partir do recorte do elemento linguístico, o adjunto adverbial “*finalmente*”, presente na enunciação primeira de Lula. Poderíamos discutir, por exemplo, que tipo de “perda” de sentido foi produzido pela retirada do elemento linguístico “*finalmente*”, ou seja, nesse caso, discutiríamos a relação daquilo que foi dito na materialidade do texto com o que está na história. Em outras palavras, ao chamar a atenção para o recorte do “*finalmente*”, explicitaríamos a relação que todo discurso mantém com outros discursos que já foram ditos. O elemento “*finalmente*” mostra justamente a relação do que disse Lula em seu discurso de posse com o que fora dito nas eleições passadas: do embate mesmo bastante desigual pelos quais um novo projeto de Brasil, reescrito no termo *esperança* teve que passar

para sair como vencedor em 2002. Poderíamos ampliar essa discussão comparando o que as gramáticas tradicionais de língua portuguesa classificam como advérbios e/ou adjuntos adverbiais e os efeitos de sentidos gerados a partir da sua inserção ou exclusão em determinado discurso.

Um breve efeito de fim...

O objetivo principal deste artigo foi o de mostrar a fecundidade de se mobilizar a teoria da aforização, proposta por Dominique Maingueneau, para o trabalho em sala de aula com o ensino de português. Defendo que esse tipo de problemática poderia ser mais uma importante ferramenta para o aprimoramento do ensino da leitura e da produção textual na escola, por exemplo, pois com base na teoria da aforização, é possível apreender o que o trabalho com os gêneros tem de mais problemático, a saber, dar conta de capturar analiticamente o processo de destextualização de um enunciado e (per)seguir o seu percurso histórico de significação.

Referências

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos da comunicação**. Trad. de Cecília Perez de Souza-e-Silva & Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Citação e destacabilidade**. In: _____. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2007.

_____. **Aforização: enunciados sem texto?** In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010a.

_____. **Aforizações políticas, mídia e circulação de enunciados**. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fernanda Mussalim. IN : *Revista Linguasagem* n° 20, dez. 2012 www.lettras.ufscar.br/linguasagem.

_____. **A aforização proverbial e o feminino.** IN : MOTTA, A. R. & SALGADO, L. S. Fórmulas discursivas. São Paulo, Contexto, 2011.

_____. **Les phrases sans texte.** Armand Colin. Paris, Fr, 2012.

_____. Agumentação e cenografia. IN : BRUNELLI, A. F. ; MUSSALIM, F. ; FONSECA-SILVA, M. C. (Orgs). **Língua, texto, sujeito e (inter)discurso.** São Carlos, SP : Pedro & João Editores, 2013.

_____. **Discours et analyse du discours.** Armand Colin, Fr, 2014.

MOTTA, A. R. **Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs.** Campinas. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

POSSENTI, S. **Questões de linguagem : passeio gramatical dirigido.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Nota biográfica

Roberto Leiser Baronas possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT - Campus Universitário do Araguaia em Pontal do Araguaia - MT (1994), e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara (2003), sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/Capes fez doutorado sanduíche na Université de Paris XII - Creteil - França, no Centro de Estudos do Discurso, da Imagem, do Texto e da Comunicação Política - CÉDITEC - sob a direção de Simone Bonnafous (2003). No ano acadêmico de 2012/2013, realizou Estágio de Pós-Doutoramento com bolsa PDS do CNPq, junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, sob a supervisão da Profa. Dra. Beth Brait. Atualmente é professor no departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. **E-mail:** baronas@ufscar.br